



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



AUDITÓRIO DA CNI, BRASÍLIA, DF, 28 DE NOVEMBRO DE 2000

Meus caros Companheiros de Mesa, Senhoras e Senhores,

Aqui, alguns, talvez muitos, têm experiência de vida política. E sabem que quando se está numa campanha política e se vai aos comícios, o último a falar é o candidato. É um sacrifício, porque já falaram tudo. O Presidente da República é pior que candidato. É sempre o último a falar. Agora, com uma diferença: quando se está numa campanha, você fica naquela angústia: "Meu Deus, o que que sobrou para mim?" Aqui, hoje, não sobrou nada e estou feliz com isso porque é um sinal de que estamos com uma linguagem comum.

Falou, aqui, o Presidente da Confederação Nacional das Indústrias, falou o Ministro do Planejamento. E o que eles disseram é o que eu diria, o que mostra que estamos, realmente, vivendo um novo momento do Brasil. Um momento em que existe uma mudança de atitudes, de mentalidade, de objetivos. E uma confiança que permite uma linguagem comum.

É isso que caracteriza o nosso Brasil do Plano Real. É que nós tivemos objetivos, apresentamos um programa para o País. Esse pro-

grama está em marcha. Teve percalços como qualquer programa, mas está avançando e ganhando, pelo menos, as mentes. Quero que ganhe os corações também. Mas, estamos avançando.

Esse avanço não se fez sozinho. Fez-se com o apoio da sociedade civil – aqui estão presentes as várias organizações dela – com o apoio do Congresso Nacional; com a difusão pela mídia. Enfim, estamos construindo um país novo. Esse é o significado de eu ter ficado, aqui, sem palavras para dizer algo específico, porque todos estamos, bem ou mal – aliás, mais bem que mal – convencidos de que há um mesmo caminho, um mesmo rumo.

Agora, muito pessoalmente. Eu já vim algumas vezes a esta Casa. Em alguns momentos, não era fácil falar, porque havia muitas demandas e pouco o que oferecer para contemplar essas demandas. Não que não se quisesse, mas porque não se podia.

Hoje, é bem diferente. Hoje, disseram os dois que me antecederam, e com razão, que estamos, realmente, num momento em que o Brasil está marchando para a frente. Há crescimento econômico, há desenvolvimento das forças produtivas. Os dados todos confirmam isso.

Aqui, já vários mencionaram a taxa de crescimento, quase 4% nos primeiros três meses desse ano. Temos expectativas, a despeito de quaisquer turbulências externas, de um crescimento continuado. Acabou aquela dúvida sobre se seria estabilização ou crescimento. Isso é o passado. É crescimento com estabilização. E é crescimento – sublinho – com estabilização. Ninguém pensa outra coisa.

A Lei de Responsabilidade Fiscal – e o Ministro Martus Tavares e sua equipe tiveram um papel decisivo nessa elaboração dessa lei – é um marco na História da administração pública brasileira. Um marco que passou pelo Congresso e que teve o apoio do Congresso Nacional. Aquela lei assegura um comportamento orçamentário e um comportamento gerencial que são condições fundamentais para a estabilidade. E isso tem apoio da opinião pública, um forte apoio da opinião pública, na questão da Lei de Responsabilidade Fiscal.

Quem diria isso, meu Deus do céu, há seis anos, quando nem se tinha noção do que era o Orçamento? Agora, ainda esta manhã, pas-

samos boa parte do tempo discutindo como é que se faz para financiar o aumento de salário mínimo. Quantas vezes se aumentou o salário mínimo sem pensar como é que se iria financiar isso? Não se queria nem se saber: aumenta, o Presidente que se vire com o Governo, depois. O Presidente, não, quem pagava era a sociedade: com a inflação ou com o corte de outros investimentos.

Agora, estamos discutindo: vai cortar o quê? Já existe até aquela conciênciade que não dá mais para resolver tudo com o incremento de imposto. Já existe essa consciência. Então, se não dá para ser com incremento de imposto, ou se corta alguma coisa, ou não tem o que se fazer. Como todo mundo quer melhorar o salário mínimo, vai ter que discutir as prioridades: corta aqui ou corta ali? Ou corta acolá? Ou gasta com mais racionalidade?

Isso é uma mudança de mentalidade extraordinária. É claro que os resultados não vão ser os que nós desejamos, em termos do comportamento efetivo. Mas o modelo novo está lançado.

E mais: se alguns não acreditavam, hoje não têm como negar que estamos retomando o crescimento com força. O crescimento industrial, até o último dado que eu vi, foi de 6,5%, este ano. No setor de bens de capital, 12%. E vai-se dizer que é medíocre como, ainda, os pessimistas de sempre gostam de insistir nessas palavras, sem perceber que aqui, na complexidade da nossa produção, hoje, não se trata, simplesmente, de ampliar a produção de produtos primários, o que fazemos também. É muito mais do que isso. É uma mudança qualitativa no processo. Os países que estão nessa etapa não podem mais imaginar que é fácil crescer a 8%, 9% e 10%. Não. Isso se consegue com facilidade, mal comparando, nas acumulações primitivas de capital. Mas não estamos nessa fase. Estamos numa fase mais sofisticada. É claro que quero mais do que 4%, 4,5%. Mas já é um patamar bastante razoável, porque está crescendo a indústria, estão crescendo os bens de capital, está crescendo a agricultura.

Na agricultura, a última previsão, na verdade, que vi é a de podemos chegar a 90 milhões de toneladas de grãos nesta safra. Eu digo sempre isso: no começo da década, eram cinqüenta e poucos

milhões de toneladas de grãos. Dobramos em dez anos. E o juro não dobrou, não. Caiu. Quero que caia mais. Mas caiu a taxa de juros. Só não caiu mais por causa das questões que são mais externas do que por causa das questões propriamente internas. É claro que o resultado, a consequência disso tudo é que tem que aumentar a renda e o emprego para os brasileiros. Isso também está acontecendo. A taxa de desemprego caiu.

A taxa de desemprego do Dieese e Seade capta com mais vigor o lado mau, pela sua própria característica, porque toma em consideração pessoas de dez anos de idade ou mais. Então, é uma taxa que dá sempre um desemprego mais elevado. Dez anos de idade ou mais, que estão buscando emprego há pelo menos trinta dias. Essa é a característica básica dessa taxa. Caiu. E caiu fortemente, em comparação com os dados anteriores.

A taxa de desemprego do IBGE está por 6,8%. No mês passado, era de 6,7%. Essa variaçãozinha, de um pouquinho, significa estabilidade. Queremos que caia mais. Vai cair. Vai cair porque segue o crescimento industrial, porque também há uma queda mais forte no fim do ano.

Tão importante quanto isso é que a massa de renda do setor assalariado aumentou. Aumentou e começa a haver uma maior massa de renda na população. Isso significa que o nosso mercado interno vai funcionar com mais força. Por que digo isso? Porque nós, aqui, estamos querendo mais investimento. Temos dado muita ênfase às exportações, e continuaremos a dar muita ênfase a essa questão – às exportações agrícolas, que têm tido sempre um saldo considerável, às exportações de manufaturados.

O setor exportador reagiu fortemente também. No setor manufatureiro, a exportação, nos últimos, não sei se doze meses ou dez meses, teve 22% de crescimento e, na média, foi 17%. O que acontece todo mundo sabe. O preço das *commodities* caiu, salvo uma: o petróleo. Então, é claro que a balança comercial sofre o efeito disso. Mas o emprego, não. Porque, quando aumenta a exportação, quando aumentou a produção, aumentou o emprego e aumentou a renda em reais. Então, não se deve tomar esse dado simplesmente lendo-o pelo

lado: "Ah, não se conseguiu tudo o que se queria." É verdade. Queremos saldos maiores. Mas o saldo vai depender também do comportamento dos preços internacionais, da valorização ou não do euro, do peso do petróleo, do sistema de troca entre produtos primários e produtos industrializados.

Mas a mudança necessária, feita pelo setor produtivo, está avançando. E está avançando com uma característica nova, que é a de marca. Estamos buscando qualidade. No café, estamos buscando qualidade. Fui fazer propaganda de café com a marca Brasil, lá nos Estados Unidos. Uma mensagem para lá. Ontem, recebi – e com muito gosto – os representantes da moda brasileira: marca de qualidade, não é isso? Foi o que me pediram. E que qualidade! Precisamos dessa qualidade em todos os nossos setores produtivos. Realmente, precisamos entender que o mundo contemporâneo requer qualidade. Está havendo essa modificação.

Ainda recentemente, o Antônio Barros de Castro – creio que aqui, na Confederação das Indústrias – fez uma exposição muito ilustrativa e li um artigo dele sobre o que é o mundo de hoje, onde, realmente, agregação de valor se dá com mais facilidade no início e no fim da cadeia produtiva. E o que é importante, para que nós possamos ser competitivos, é olhar o conjunto da cadeia produtiva e racionalizar o conjunto da cadeia produtiva.

Então, estamos não apenas exportando, mas exportando com qualidade e produzindo com qualidade. Temos que ter marca. Estamos buscando marca nos têxteis, na moda, nos móveis, na produção agrícola. E, em tudo, estamos buscando qualidade. Não adianta só quantidade, é qualidade. Mas, nós estamos fazendo isso.

Naturalmente, nesse processo todo, a formação de capital e o investimento são fundamentais. Ambos os que me antecederam mencionaram – e é, realmente, de mencionar-se – a expressividade do investimento estrangeiro no Brasil: 30 bilhões de dólares, duas vezes, um ano e no outro ano. São 60 bilhões de dólares em dois anos.

Bom, tudo bem, numericamente é muito, mas tem algo que é mais significativo ou tanto quanto: é que este investimento traz

qualidade também, porque traz nova tecnologia, traz conhecimento das redes internacionais de financiamento e de comercialização, permite a absorção, pelo conjunto da indústria, de técnicas novas, revoluciona o processo produtivo.

Não sei, exatamente, hoje, porque não tenho feito as contas, mas, certamente, do Plano Real para cá, no mínimo, entraram aqui 100 bilhões de dólares – bilhões de dólares – no mínimo. Só nos últimos dois anos, são 60 bilhões de dólares. Foi mais que 100 bilhões de dólares.

Bom, isso tem importância. E mais: o Ministro Martus trouxe um dado que é significativo. Dizia-se: “Não, vem o capital para comprar o que já existe, porque vem na privatização”. Ainda que fosse: compra e tem que mudar o que já existe. Veja a telefonia. Comprou não para ficar na base produtiva anterior. Comprou para expandir a base produtiva, para revolucionar a tecnologia. Mais que isso, neste último ano, apenas 3,5% foi orientado para a privatização, o resto é investimento.

Agora, tão significativo para todos nós, brasileiros, é um outro dado. O Ministro Martus mencionou a taxa fixa de formação de capital bruto. O palavreado é feio: taxa fixa de formação de capital bruto. Mas, enfim, o que ela significa é o melhor indicador para saber o investimento.

Pois bem, em 91, 92 e 93, a média era 14,5% do PIB, do produto. Nós investíamos 14,5%. Até 99, eram 17,5%. Agora, nós estamos chegando a 20%, no ano 2000. Bom, o PIB será, *grosso modo*, de um trilhão de reais, um pouco mais, mas vamos calcular, porque é mais fácil, eu não sei fazer cálculo. Um trilhão de reais multiplicado por 20, dá 200 bilhões.

Ora, se desses 200, 30 bilhões foram de dólares, dá 55 bilhões. O resto é capital nosso. Capital feito aqui, feito em casa, como dizia Barbosa Lima Sobrinho. Pode ter sido feito em casa por empresas que não são de propriedade nacional, mas feito aqui. Essa é a riqueza do País, é a que nós estamos investindo, e estamos poupançando.

E é por isso que é tão fundamental a questão do Investe Brasil. Porque, aqui, nós vamos buscar o investimento produtivo. Nós va-

mos continuar nas transformações necessárias para que, num processo dinâmico, como sempre ocorre no processo produtivo, tenhamos a possibilidade de enfrentar as questões de balança de comércio, as questões cambiais, etc. E nós vamos buscar o investimento naque-las áreas que estavam precisando substituir, continuar a substituição de importações na parte, por exemplo, eletrônica. Nós já estamos fazendo isso no petróleo, com grande êxito, em produzir aqui. Na parte de telefonia, na questão do turismo.

Vamos buscar investimento para continuar essa cadeia sinérgica que leva ao crescimento sustentado do nosso País e que vai levar, também, à melhor condição de vida do povo, a mais emprego, a tudo o mais.

Tudo isso porque temos estabilidade, porque o Governo, como digo sempre, diz “não” quando tem que dizer “não”, para cortar o que não pode ser dado. E não estou me referindo ao salário mínimo como, maldosamente, sempre poderão imaginar que esteja. Não estou. Estou me referindo ao conjunto das atividades de governo.

Mas, o fato é que tudo isso é porque temos rumo. E porque temos um projeto nacional de desenvolvimento. Só não vê quem é cego ou quem não quer ver. O Plano Avança Brasil é isso: é um projeto nacional de desenvolvimento, que foi discutido com a sociedade e está em marcha. Nós temos um horizonte de crescimento e de transformação. E é por isso que o Investe Brasil se encaixa nesse momento, que é um momento afirmativo do Brasil.

Não sei o que vai acontecer lá fora. Isso não é o que nos deve orientar. O que nos deve orientar é o que temos nas nossas mãos. Nossa exportação, por enquanto é muito pequena, é 7% do PIB. Vamos ampliar va exportação. Mas nós temos um imenso mercado interno, também.

As coisas não são excludentes. Um país como o nosso não pode colocar todos os ovos numa só cesta. Tem que colocar em várias. Ou, então, em vez de colocar apenas ovos, colocar uma série de outros produtos na cesta ou fazer as duas coisas. Nós temos condições, como nação, como país, de avançar, porque temos, hoje, rumo, te-

mos crença, temos um programa, temos um plano nacional de desenvolvimento. E quem critica não propõe nada. Só critica no vazio. E quando propõe, propõe questões que são inviáveis, porque está sempre olhando no retrovisor.

Claro que há erros, claro que se pode melhorar. Claro que há o que falta fazer. Mas o rumo acho que está dado. E, aconteça o que acontecer, vamos manter esse rumo, porque esse é o rumo do Brasil. Não é o rumo de um governo. Por isso, tivemos a mesma linguagem. Se vários aqui falassem, não falariam em linguagem diferente – reitero – com as críticas necessárias. E o Ministro Martus disse, com toda a clareza.

Isso não quer dizer que devamos cruzar os braços. Vamos insistir nas reformas, inclusive e principalmente na tributária, como eu disse anteontem, realmente, e reafirmo aqui. Vamos insistir no que é necessário fazer, porque é assim que se governa. É com perseverança. Não é com intolerância, mas é com determinação, com perseverança. E as coisas avançam.

Para finalizar, há uma outra questão que me parece significativa para chamar a atenção: é que estamos usando – a palavra é feia – a Oscip, Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público. Essa é uma lei que vi muito de perto, porque a Ruth lutou muito por ela. E vejo o resultado do setor econômico. Era inimaginável, naquele momento, porque essa é a lei que permite as parcerias, que permite um outro tipo de relação entre o Estado e a sociedade civil. Isso é novo. Passou também pelo Congresso. E isso é novo. É um novo modo de trabalhar. É uma nova visão do Estado, do papel do Estado e tudo o mais. De modo que é muito importante que exista essa articulação.

Quero dizer também que tal articulação se deve muito a um espírito que existe dentro do Governo, nos Ministros. Aqui, estava contando, eram treze Ministros aqui presentes. Isso é a força do Ministro Martus: treze Ministros aqui presentes. Bom, e essas discussões, tanto as questões relativas à estabilidade quanto ao desenvolvimento; ao mercado interno quanto ao externo; à questão da reforma tributária quanto à questão da reforma educacional; não podem ser mais pensadas compartmentalizadamente. É trabalho em conjunto.

Esse Investe Brasil é resultado de um trabalho em conjunto, em que os Ministros de áreas diferentes participaram ativamente e sabem, não estamos disputando “isso é da minha área, é da área do outro”. Isso acabou. Isso é o passado. É como nas empresas modernas: não pode ser mais assim. Tem que ser em espírito cooperativo, solidário.

E vou lhes dizer: no meu caso, quando olho para os Ministros, não vejo partido. Vejo se eles são bons ou maus servidores do País. Não vejo partido. Não quero esse espírito. Quero um espírito de união, em função do avanço do Brasil.

Devo, portanto, agradecer ao Ministro Martus e, como ele já o fez, a todos que colaboraram. Mas quero reservar uma palavrinha final: quero também dizer que a sede do “Investe Brasil” vai ser no Rio de Janeiro. Alguns não vão gostar. O Ministro Francisco Dornelles vai. E a Confederação Nacional de Comércio ofereceu condições boas. Eu, agora, incito a nós, paulistas. Vamos ter que competir nesse negócio, senão eles levam tudo. Mas isso acho que foi uma coisa boa também, porque estamos com esse espírito de um apoio generalizado do setor empresarial, uma decisão que estará bem guardada.

E, para finalizar – eu disse que iria finalizar –, acabei de receber uma informação que reafirma a minha confiança, que é a nossa confiança, no Brasil: investimento para cá, para lá, bilhão e não-sei-o-quê, quando dizem: “Não vai ter mais.” Bom, recentemente, lá se foi o Banespa. Mesmo aqueles críticos que não entenderam o mecanismo de leilão e achavam que o preço e que não-sei-o-quê, calaram a boca. Calaram a boca porque foi um preço confortável. Para quem ganhou, também, porque tem muito espaço para avançar no banco. Mas foi confortável. De qualquer maneira, se vê isso.

Agora, vamos ter a concessão das bandas C, D e E na telefonia. Olhem o número do preço mínimo: 6 bilhões e 700 milhões de reais. Seis bilhões e setecentos milhões é o preço mínimo. Quer dizer, o Banespa é 7 bilhões. Fui Ministro da Fazenda. E quando se falava de um bilhão – eu olho o meu predecessor lá – um bilhão era sonho de uma noite de verão em matéria de investimento, ou de uma noite de inverno, não sei, não é, Eliseu? Hoje, não. Quer dizer, não param as

oportunidades. Não param as oportunidades, porque uma leva à outra. Isso aqui não é mais um jogo de soma zero, mas é um jogo, em que um ganha e outro perde.

E porque não é jogo de soma zero, vamos fazer um esforço grande para nós todos ganharmos. Para que o trabalhador ganhe melhor, para que haja mais emprego, para que o setor privado e o setor público trabalhem juntos e com esse espírito de crença no Brasil. Temos um grande país. Está nas nossas mãos a possibilidade de dar esse salto, definitivamente rompendo com o Brasil arcaico e construindo um Brasil que seja, realmente, um Brasil que foi sempre sonhado por todos nós.

Muito obrigado.